



A PAISAGEM CULTURAL DA FAVELA DA BARREIRA DO VASCO E SUA GEOGRAFIA HISTÓRICA¹

Rafael Freitas Bezerra ²

RESUMO

Proveniente da década de 30 do século passado, a favela da Barreira do Vasco é uma das favelas mais representativas do Rio de Janeiro. Sua geografia histórica, por sua vez, nunca foi retratada em um trabalho acadêmico, se tornando uma grande lacuna para os estudos geográficos. A partir de uma análise dos significados presentes na constituição das favelas na cidade, o presente trabalho visa discutir, com o auxílio do conceito de paisagem cultural e suas “maneiras de ver”, a geografia histórica da Barreira do Vasco, juntamente da sua relação com o seu vizinho, o Club de Regatas Vasco da Gama, fazendo uso de pesquisas documentais, levantamentos bibliográficos em revistas, jornais e periódicos, além de analisar dados da Prefeitura do Rio de Janeiro. Isto posto, é possível notar uma paisagem que reflete Vasco-Barreira como uma simbiose, com grande importância mútua, tanto social, como economicamente.

Palavras-chave: Paisagem cultural, Geografia histórica, Barreira do Vasco, Vasco da Gama, Favela.

ABSTRACT

Originating from the 1930s, the Barreira do Vasco favela is one of the most representative favelas in Rio de Janeiro. Its historical geography, in turn, has never been portrayed in an academic work, becoming a major gap for geographic studies. Based on an analysis of the meanings present in the constitution of favelas in the city, this work aims to discuss, with the help of the concept of cultural landscape and its “ways of seeing”, the historical geography of Barreira do Vasco, together with its relationship with its neighbor, the Club de Regatas Vasco da Gama, making use of documentary research, bibliographical surveys in magazines, newspapers and periodicals, in addition to analyzing data from Rio de Janeiro City Hall. That said, it is possible to notice a landscape that reflects Vasco-Barreira as a symbiosis, with great mutual importance, both socially and economically.

Keywords: Cultural landscape, Historical geography, Barreira do Vasco, Vasco da Gama, Favela.

¹ Artigo resultante de projeto de mestrado financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, freitasrafaelbez@gmail.com.



INTRODUÇÃO

“Barreira do Vasco - casa do legítimo clube do povo”. Com essa frase localizada acima do setor social do seu estádio, o Club de Regatas Vasco da Gama se autointitula como clube popular, localizando-se na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Essa associação do clube ao espaço marginalizado, com um objetivo claro de assinalar uma tendência de proximidade às camadas populares, é a porta de entrada para nosso estudo sobre a Favela da Barreira do Vasco.

A favela, enaltecida pelo clube no letrero citado, tem sua origem na década de 1930, quando o então Presidente Getúlio Vargas realizou uma doação para a Igreja Católica com o intuito de que casas populares fossem construídas há alguns metros do estádio (SCHMIDT, 2017). A ocupação desse espaço foi feita gradativamente de maneira similar ao que acontecia na cidade como um todo, por famílias humildes necessitadas de moradia ocupando os espaços possíveis. Estava nascendo a Barreira do Vasco, uma favela que possuía uma barreira física³ (SCHMIDT, 2017) em sua geografia, fazendo jus ao nome de batismo.

Durante o século XX, São Januário ganhou notoriedade na sociedade carioca, tornando-se importante figura para o aumento de fluxos e sociabilidades, atraindo eventos esportivos, culturais e políticos, sendo palco e vitrine para o populismo do Estado (MASCARENHAS, 2017).

Entretanto, a simbologia do equipamento vascaíno não se fixou nas estratégias de uso por parte de Getúlio Vargas, atraindo manifestações políticas de outras frentes, como o Partido Comunista Brasileiro, que atraiu 100 mil pessoas ao estádio em um comício realizado em 1945. Além das manifestações mais politizadas, ocorreram também desfiles de escolas de samba, grandes shows e usos diversos (BEZERRA e MESQUITA, 2023), evidenciando a presença do estádio e da região de São Cristóvão e Barreira do Vasco como um local de farta sociabilidade.

A importância de São Januário para a cidade e para o país pode ser retratada nos diversos estudos, inclusive geográficos, que o abordaram como o principal objeto de pesquisa. Quando não era o estádio o enfoque principal, o bairro Vasco da Gama, que possui o

³ A geografia dos arredores de São Januário possuía uma colina, que anos depois foi nivelada, fazendo com que a ocupação que ia aumentando encontrasse um limite para seu crescimento. Esse limite era visto como uma barreira, que dividiu o simbolismo no batismo da favela com o com o clube que era vizinho.

equipamento esportivo em seu centro, recebia os maiores holofotes nas pesquisas desenvolvidas (BEZERRA, 2022; MATOS, 2019). A Barreira do Vasco, vizinha ao bairro e ao estádio, é uma zona influenciada pelos ditames vascaínos, mas talvez nunca tenha assumido a posição de “camisa 10”.

Com um cotidiano ímpar, torna-se um caminho para esta pesquisa a abordagem desses moradores que “aquecem à beira do campo”, onde uma luz a esses protagonistas, muitas vezes não reconhecidos, é vista como uma possibilidade de apreender uma parte da realidade ainda não abordada. Assim, observando a paisagem cultural, o objetivo central da pesquisa é compreender e analisar a geografia histórica da Barreira do Vasco, investigando a maneira pela qual o Club de Regatas Vasco da Gama influenciou e se ainda influencia na constituição da favela, além de identificar as principais referências materiais e simbólicas para os moradores, ressaltando o papel econômico e social do clube e do estádio no cotidiano da favela.

A metodologia da pesquisa se constitui de levantamentos bibliográficos: acesso aos arquivos do Centro de Memória do Club de Regatas Vasco da Gama; consulta ao acervo digital da Biblioteca Nacional; análise de textos que narram a geografia histórica da favela, com a utilização de dados oficiais da Prefeitura e pesquisas de campo.

A partir de autores que discutem a paisagem e a relação cultura e espaço, como o geógrafo britânico Denis Cosgrove (1948-2008), busca-se relacionar a formação social da Barreira do Vasco e sua paisagem cultural, entendendo a paisagem como uma categoria que permite a identificação das relações materiais e imateriais no espaço analisado. Nessa seara de conceitos, nota-se que a Barreira foi influenciada pelo clube em sua nomenclatura, em sua geografia histórica e no seu cotidiano, além dela própria também atuar como influenciadora nessa relação Barreira-Vasco.

METODOLOGIA

A paisagem cultural é composta por uma variedade considerável de elementos, fazendo com que sua compreensão demande tempo para apreender diferentes aspectos. Sendo assim, ocorre a necessidade de se ter uma abordagem empírica baseada pelos seguintes caminhos: levantamento bibliográfico, acesso aos arquivos do Centro de Memória do Club de Regatas Vasco da Gama e do acervo digital da Biblioteca Nacional, buscando a investigação em documentos, revistas, jornais e periódicos da época de origem da favela. Realização de pesquisas de campo com o objetivo de compreender as singularidades da Barreira do Vasco e como elas compõem a paisagem cultural e utilização de dados oficiais fornecidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro a fim de mensurar as modificações quantitativas ocorridas na favela da Barreira do Vasco nos últimos anos.

O acesso ao arquivo do Vasco da Gama foi solicitado informando o caráter da pesquisa e sua finalidade por correio eletrônico. Posteriormente, o Centro de Memória do Vasco enviou arquivos selecionados da extinta revista que o clube possuía, com fragmentos e imagens que retrataram de alguma forma a favela da Barreira do Vasco. A autorização para uso de tais fragmentos foi enviada em conjunto com os arquivos.

Ao pesquisar fragmentos que noticiaram a Barreira do Vasco no acervo digital da Biblioteca Nacional, a Hemeroteca Digital, buscou-se, num primeiro momento, selecionar as revistas, jornais e periódicos do Rio de Janeiro e, em seguida, selecionar o termo “barreira do vasco” na procura. Notou-se que a expressão utilizada era muito empregada como uma forma de adjetivar uma característica futebolística. “Barreira”, no caso, seria um sistema defensivo sólido, que dificultava, e muito, a vida dos adversários. Logo, “barreira do vasco” apareceu muitas vezes em referência aos sistemas defensivos vascaínos e seu sucesso nos gramados. Para não haver tal dificuldade, a pesquisa nessa fonte usou a expressão-chave “favela da barreira do vasco”, sendo 126 ocorrências encontradas, onde a maioria delas retrata a violência e a criminalidade em suas manchetes, além de características da favela e sua relevância.

O uso de tais metodologias oportunizou o desenvolvimento da pesquisa nesse caráter introdutório, com diversos dados sendo levantados, possibilitando uma discussão geográfica, histórica e conceitual.

REFERENCIAL TEÓRICO

“Favela” é um dos termos mais noticiados e presentes no imaginário brasileiro, todavia, sua formação e os discursos variaram entre o século XX, onde teve sua emergência, até os dias atuais. Almeida (2016) mostra que os morros do Rio de Janeiro já possuíam aglomeração de casebres desde o século XIX, porém a alcunha de “favela” não existia. O autor salienta que a inexistência da nomenclatura posteriormente famosa, não se deu pela ausência de atributos, pois o adensamento, a insalubridade e a ilegalidade já existiam, entretanto essas localidades não apresentavam riscos higiênicos e políticos.

É na passagem para o século XX, com a prática higienista, que as humildes casas dos morros passaram a ser vistas como um perigo para a vida em sociedade. O ambiente “primitivo” seria um potencializador da reprodução de microorganismos por conta da falta de higiene dos moradores dessas localidades, possibilitando a transmissão de doenças (ALMEIDA, 2016). De inofensivos e praticamente invisíveis, os habitantes e os morros passaram a ser uma ameaça à saúde.

A favela, assim, nasce como o “outro”, como o não-cidade. Fazendo uma aproximação ao sertão e ao sertanejo, Almeida (2016) traça essa visão da favela como inimiga da cidade a partir de uma ameaça à existência, um “problema”, onde ao designar um determinado espaço como “favela”, a identificação de uma diferença é salientada, fazendo deste espaço díspar um perigo aos outros moradores do urbano.

Pensar nesse processo inicial de constituição do espaço da favela ganha em possibilidade ao trazermos para o debate a percepção cultural e antropológica de Clifford Geertz. Geertz (2008 [1973]) assume a cultura como uma ciência interpretativa em busca de significado, entendendo-a como relacional. Ao entendermos que existem hierarquias estratificadas de estruturas significantes estabelecidas socialmente, podemos interpretar a constituição do perigo, do “outro” e do “problema” que a favela foi alçada, sendo uma forma da esfera dominante de poder hierarquizando e classificando o espaço da favela como inferior.

A higienização, que ajudou a classificar a favela como um problema, era o grande alicerce do discurso dominante no âmbito das mudanças estruturais no começo do século XX, que presenciou, de maneira geral, a urbanização da sociedade ocidental, alinhado a inúmeros avanços tecnológicos que acarretaram diversas transformações na dinâmica social. Se no século XIX o Rio de Janeiro ainda possuía uma estrutura colonial, as primeiras décadas do século passado presenciaram um empenho pelo rompimento dessa disposição pretérita, onde a

busca pela modernidade, tendo as principais cidades europeias como referências, se tornou o principal objetivo da burguesia carioca (MASCARENHAS, 2014).

Nos primeiros anos do século XX ocorreram diversas reformas urbanas no plano da cidade carioca, principalmente sob a gestão do prefeito Pereira Passos (1833-1913), onde a destruição de cortiços e a construção de jardins charmosos, grandes palacetes e largas avenidas, impactaram diretamente nos preços dos aluguéis e, conseqüentemente, na vida dos trabalhadores, que foram afastados do centro da cidade (DA SILVEIRA, 2013).

Ao mesmo tempo que a cidade passava por uma reformulação estrutural, a capital federal presenciava a inserção dos esportes em sua dinâmica. Com um considerável adensamento populacional e o aumento do fluxo internacional, a prática esportiva, vista como um “modismo” europeu, ganhou notabilidade na burguesia carioca, impactando na aceitação dos novos usos do corpo (MASCARENHAS, 2014).

O esporte, em especial o futebol, será visto aqui como uma prática cultural, muito característica da população brasileira e carioca, estando inserido no cotidiano e no imaginário de grande parte da sociedade. As práticas culturais passadas de geração em geração, influenciando gostos e hábitos, vai ao encontro ao conceito de formação social que Cosgrove (1998a [1984]) trabalha para analisar paisagens simbólicas e a mudança na noção da ideia de paisagem no ocidente ao longo das décadas. Para o autor, a formação social precede o simbolismo da paisagem, onde a cultura não é apenas um subproduto de conflitos entre as classes sociais sobre os recursos econômicos, mas uma força ativa na reprodução e mudança das relações sociais (GILBERT, 2008).

A construção do sentido do espaço e da paisagem favelada, nasce de um discurso higienista e perpassa para um discurso de atraso ao desenvolvimento em meados do século XX, fazendo a favela passar a ser vista como uma zona marginal, loteada por pessoas que estão em processo de adaptação (ALMEIDA, 2016). Interpretar a forma como esse discurso foi empregado na sociedade, nos remete a forma pejorativa que esse espaço foi sendo retratado na imprensa carioca ao longo das décadas. A Barreira do Vasco não fugiu desse aprisionamento de signos.

Posto isto, torna-se necessário analisar a formação social da Barreira do Vasco dentro deste contexto que enxergava na favela um local de atraso, para compreender, assim, sua geografia histórica, auxiliando na análise de todo o simbolismo que o futebol pode trazer para o cotidiano dessa favela. A paisagem, nesse arcabouço teórico, se apresenta como um modo de ver que tem sua própria história (COSGROVE, 1998a [1984]).

partindo do sentido simbólico que Cosgrove (1998b) constrói seu pensamento em torno das paisagens, contendo diferentes “maneiras de ver”, ou uma “[...] maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, uma unidade visual” (p. 223). O enxergar a paisagem parte do sentido singular que cada ser pode ter a partir dessa cena, interpretando-a de acordo com suas experiências.

Com base nesta fundamentação teórica, é possível analisar a partir da paisagem a forte presença do Club de Regatas Vasco da Gama na constituição da favela da Barreira do Vasco, desde sua nomenclatura, perpassando por sua geografia histórica e chegando aos dias atuais, onde os moradores e trabalhadores são influenciados pelos jogos realizados no estádio vizinho e em ações do clube e sua torcida no seio da comunidade, alimentando um simbolismo fortemente presente no imaginário coletivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com seu significado sendo socialmente construído ao longo do século XX, a favela surge, como bem aponta Almeida (2016), para responder uma urgência de um contexto histórico específico. A partir do seu surgimento, esse jogo de significados em torno desse termo se expandiu para qualquer espaço que carregasse consigo tal nomenclatura. Todavia, as favelas são únicas e possuem suas particularidades, não sendo interpretadas fielmente apenas por ser uma favela. Almeida (2016) nos diz que

A favela não tem uma ontologia, não pode ser compreendida pelo que ela é, mas através do que ela permite ser: ela torna possível novos tipos de experiência, fabrica novos modos de percepção, investe os preceitos normativos e teóricos com sentimentos e princípios morais, com perigos, riscos e oportunidades. (p. 479).

As experiências únicas e as diferentes percepções, moldam a vivência da favela x de uma maneira, enquanto a favela y, com suas diferentes bagagens constituirão este espaço de modo singular. Portanto, a favela da Rocinha, por exemplo, e a favela da Barreira do Vasco terão suas singularidades a partir de todas as características próprias que seus espaços apresentarem, sendo essas particularidades uma parte de um contexto que as unem numa dinâmica geral da cidade do Rio de Janeiro.

Sendo assim, apresentar brevemente a geografia histórica da favela da Barreira do Vasco se torna uma necessidade para assimilar a simbologia presente na sua paisagem a partir

da sua formação social, suas dinâmicas e o modo que este espaço foi se constituindo ao longo das décadas, ressaltando o caráter introdutório que este presente texto possui em relação a pesquisa.

Como dito anteriormente, a origem da Barreira do Vasco remonta aos anos 30 do século passado, período que a então capital federal presenciou um crescimento industrial significativo. Junto de São Paulo, o Rio de Janeiro concentrava mais da metade da produção fabril do Brasil, fazendo de determinados pontos da cidade um verdadeiro núcleo de fábricas, com a cidade carioca dispendo de altos investimentos do governo federal em sua indústria de base (ROSENDO, 2008).

Um desses pequenos núcleos fabris era o antigo bairro imperial de São Cristóvão, vizinho da Barreira do Vasco. Possuindo inúmeras fábricas, a localidade atraía mão-de-obra para a indústria, fazendo com que a favela ao lado se tornasse local de moradia para esses trabalhadores. Nos anos 50, os moradores da favela eram donos de maior parte das cerca de 1200 casas presentes na favela, onde menor parte era de casas alugadas por um preço relativamente baixo para a população que chegava em busca de trabalho nas fábricas e na obra da Avenida Brasil (YACCOUB, 2015).

Situada perto do centro da cidade, com postos de trabalho na área industrial de São Cristóvão ao lado e próximo da comunidade pesqueira do Caju, estar na Barreira do Vasco era uma boa opção para essas pessoas que chegavam de outras partes da cidade e do país (YACCOUB, 2015). O deslocamento dessas pessoas pela cidade também era facilitado pela presença de uma estação de bonde em São Januário, estádio vascaíno.

Como pode ser visto na **figura 1**, que apresenta as primeiras residências da favela no canto inferior esquerdo, a Barreira do Vasco emerge em um vazio espacial, dentro de uma lógica que apresentava uma grande forma geográfica, que atraía milhares de pessoas costumeiramente e carregava consigo uma simbologia muito forte no imaginário social na época. Fazendo uso de São Januário, até então o maior estádio da capital brasileira, Getúlio Vargas promoveu diversos festejos referentes ao 1º de maio, dia do trabalhador, sendo importante elo para a aproximação de Vargas com as camadas populares. Em 1940 é realizada a primeira solenidade no estádio com cerca de quarenta mil pessoas⁴. É nesse dia que Vargas assina o decreto-lei nº 2.162 que determina a criação do salário mínimo e discursa da tribuna de honra do estádio.

⁴ Segundo edição do Jornal do Brasil do dia 3 de Maio de 1940.

Yacoub (2015) em seu trabalho etnográfico nos mostra que a figura de Getúlio Vargas foi muito forte no imaginário da população, sendo visto como grande benfeitor pelos moradores entrevistados pela autora, além de ter o nome de seus parentes mais próximos batizando as ruas da favela, como Darci Vargas, sua esposa e Alzira Vargas, sua filha.

FIGURA 1 - Barreira do Vasco em 1941



Fonte: Instituto Moreira Salles (1941).

Além de ser possível observar as primeiras habitações da Barreira, é também perceptível a presença de fábricas no canto inferior da imagem, o que reforça o caráter industrial que a cidade do Rio de Janeiro e a região de São Cristóvão, especificamente, apresentavam. A presença desse grande número de trabalhadores faz a favela ser vista como uma “cidade proletária” pelo jornal Tribuna da Imprensa em 1950.

O jornal, ao reproduzir uma das características principais dos seus habitantes, que é a condição de trabalhadores, reforça em seu texto a proximidade com o estádio vascaíno e apresenta os materiais que compunham as residências desses proletários. Construções de madeira cobertas por telha e zinco marcaram na paisagem a grande maioria dos barracões⁵ que formavam a favela, confirmando um rápido adensamento da Barreira do Vasco em suas primeiras décadas de existência. A paisagem favelada aqui é mais uma vez ligada ao precário, construindo uma simbologia de escassez.

⁵ A Barreira do Vasco tem uma filha, Tribuna da Imprensa, 7 de fevereiro de 1950.

também é nessas primeiras décadas a origem da Fundação Leão XIII, uma das mais importantes instituições de assistência social do Rio de Janeiro, sob orientação e gestão da Igreja Católica, criada em janeiro de 1947 (ROBAINA, 2013), que teve seu primeiro posto na Barreira do Vasco (PINTO, 1956). O nome desse primeiro posto era Centro Cardeal Jaime Câmara, coordenado pela Fundação, localizado em frente à Barreira, como um local “que arranja emprêgo (*sic*) para os desempregados e encaminha os doentes aos hospitais” (PINTO, p. 16, 1956).

Pinto (1956) aponta para a existência de oito centros semelhantes ao da Barreira no corrente ano, enquanto Robaina (2013) traz os dados de 33 ações sociais concomitantes entre os anos de 1947 e 1962, reforçando a importância da Fundação. A Leão XIII também fazia um papel de controle socioespacial, corroborado por Pinto (1956) em seu fragmento, ao explicar a mínima expansão da favela da Barreira em números absolutos⁶. Além disso, a lógica de controle é reforçada, pois o Centro “(...) conseguiu bloquear a favela e evitar seu desenvolvimento. As casas que vão surgindo têm outro feitio. A Barreira, nestes últimos anos, está mudando de fisionomia (...) É o começo da urbanização da favela” (PINTO, p. 16, 1956).

Nota-se nessa passagem que a ideia da favela como um bloqueio ao desenvolvimento, que Almeida (2016) comenta, é visível em meados do século XX na Barreira do Vasco. Diversas reportagens nos jornais e periódicos da época vão tratar da necessidade de uma “urbanização” da favela, envolvendo o Vasco da Gama numa discussão que vai perdurar durante as décadas de 1950, 60 e 70, por um maior aproveitamento do estádio de São Januário. A favela é vista externamente como um bloqueio para o clube.


Em 1972, a remoção da favela para melhor acesso ao estádio para a Avenida Brasil⁷ é trabalhada como uma hipótese racional, não sendo tratado com o devido cuidado os impactos para milhares de pessoas residentes da Barreira. Todavia, no ano seguinte, o clube vascaíno doou parte de seu terreno para o alargamento das ruas Almério de Moura e São Januário, evitando a remoção da Barreira do Vasco⁸.

A estigmatização da favela e da paisagem favelada, tão bem representada nessa passagem, é um resumo de como foi interpretado este espaço no Rio de Janeiro durante o século XX, onde o espaço da sujeira, da doença, passa a ser visto como o lugar perigoso, vide o grande número de ocorrências coletadas na pesquisa na Biblioteca Nacional que relacionam a Barreira do Vasco ao crime. O espaço do atraso como uma “barreira” ao progresso.

⁶ No ano de 1947, primeiro ano de atuação da Fundação, houve o aumento de apenas 6 barracos. De 1288 para 1294 (PINTO, 1956).

⁷ O Jornal de 22 de setembro de 1972.

⁸ O Jornal de 5 de janeiro de 1973.



Porém se engana quem pensa que tais pensamentos se esvaíram no século passado. Em junho de 2023, ao pedir a interdição do estádio de São Januário após confronto entre torcedores vascaínos e a polícia militar, o juiz Marcelo Rubioli escreveu em sua sentença que o estádio é “cercado pela comunidade da Barreira do Vasco”, com suas ruas estreitas gerando insegurança, sendo possível ouvir “comumente estampidos de disparos de armas de fogo”⁹. (SCHIAVINATO e PEIXOTO, 2023).

As palavras utilizadas pelo juiz não foram muito bem recebidas pela opinião pública, pelo Vasco da Gama e também pelos moradores da Barreira do Vasco. A presidente da Associação de Moradores da Barreira do Vasco, Vânia Rodrigues da Silva, falou sobre a tristeza de testemunhar que “existe ainda preconceito e racismo com a favela” (SCHIAVINATO e PEIXOTO, 2023), enquanto o clube se posicionou em nota de repúdio contra o fechamento do estádio apontando a posse das licenças necessárias para funcionamento e ressaltando o orgulho de estar localizado na Barreira do Vasco e próximo ao morro do Tuiuti e da comunidade do Arará, outras favelas da região (VASCO PROTESTA CONTRA DECISÃO DA JUSTIÇA, 2023).

Estar no interior da Barreira do Vasco não é uma verdade geográfica por parte do Vasco da Gama. Por mais que o clube afirme tal localização, ela se mostra incorreta, visto que o estádio vascaíno se encontra fora das margens da favela que leva seu nome. Entretanto, é possível observar que esse posicionamento vascaíno, que já era perceptível antes deste incidente, como pode ser visto na **figura 2**, elucida como a favela e o clube se justapõem em vista de um caráter aparentemente popular.

O discurso vascaíno de clube popular, “do povo”, remete sua história de aproximação com os negros e trabalhadores, como o histórico time dos Camisas Negras de 1923, que se tornou um marco da luta contra o racismo no início do século XX. O Vasco, por sua vez, no início do século XXI, reforça sua aproximação com o dito “popular”, a partir de sua geografia apontando sua proximidade com a Barreira. A favela retoma às manchetes como um novo conjunto de significados, e a paisagem, como aponta Cosgrove (1998a [1984]), é reforçada como um conceito ideológico, pois é nela que o Vasco irá se apoiar em diferentes postagens nas redes sociais para seu anseio estimado, como é visto na **figura 3**.

⁹ Cabe ressaltar que o Instituto Fogo Cruzado levantou dados que apontaram o mesmo número de ocorrências de disparos de armas de fogo (22) nos entornos de São Januário e do Maracanã, principal estádio da cidade e do país (SCHIAVINATO e PEIXOTO, 2023).



FIGURA 2 - Barreira do Vasco, casa do legítimo clube do povo



Fonte: acervo pessoal (2022).

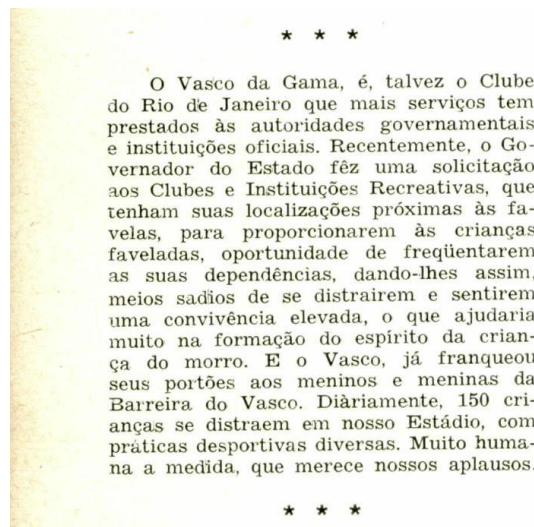
FIGURA 3 - A paisagem da favela pela ideologia do povo



Fonte: Matheus Lima (Vasco da Gama, 2023).

Toda a formação social ao longo dos anos, a sua geografia e sua história são trabalhadas aqui pelo clube cruzmaltino para um reforço de sua suposta característica popular, fazendo com que sua própria trajetória, sendo originário do centro e migrando para a zona norte da cidade, reafirmem tal discurso (BEZERRA e MATTOS, 2023). Fazendo justiça ao clube, sempre foi um costume a realização de ações com um vínculo clube-favela, como a **figura 4** nos mostra. O que é ressaltado neste trabalho é como a paisagem favelada é simbólica para essa relação no presente.

Figura 4 - Vasco de portas abertas para a Barreira



Fonte: Revista Vasco (1961).

A contemporaneidade elucida a forma que a Barreira do Vasco se relaciona com o estádio vascaíno, onde mais uma vez a interdição do estádio nos traz respostas da importância mútua que clube e favela possuem um ao outro. Segundo dados do Observatório do Trabalho Carioca, vinculado a Secretaria de Trabalho e Renda da Prefeitura do Rio de Janeiro, o comércio local teve queda de 60% do seu rendimento durante os 3 meses que São Januário esteve interditado, afetando 250 trabalhadores contratados em dias de jogos, mais 300 trabalhadores informais e 18 mil pessoas afetadas diretamente e indiretamente (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2023).

O impacto econômico e social que o clube e a favela demonstram em números é evidente, sendo alvo de maiores investigações os impactos apurados de maneira qualitativa em seu cotidiano. A Barreira do Vasco não é na verdade uma “barreira para o Vasco”, muito pelo contrário. Favela e clube se retroalimentam numa dinâmica de comunhão, onde ambos se nutrem dessa relação histórica, construindo diariamente uma parceria que precisa reforçar,

como em 2023, a favela como um local de vivências e sociabilidades que vão além da criminalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Batizar” uma favela com seu nome esclarece muito da influência que uma instituição pode ter nesse espaço. Se na década de 1930 os primeiros moradores da Barreira do Vasco soubessem que quase um século depois veriam o clube vizinho defendendo o nome da comunidade, veriam que tal influência se tornou uma simbiose entre a instituição centenária Club de Regatas Vasco da Gama e uma das favelas mais marcantes do Rio de Janeiro, a Barreira do Vasco.

Caminhar pelas ruas da Barreira é notar que o Vasco não é unanimidade, carregando consigo uma heterogeneidade de clubes, vivências e gostos. Todavia, a presença da equipe vascaína vista na janela de casa aponta para um caminho simbólico na constituição do imaginário dessa população. Retratar o Vasco a partir de São Januário nos dias atuais é trazer na imagem a reconhecida Barreira do Vasco, assim como noticiar a Barreira do Vasco apresenta quase sempre o estádio cruzmaltino.

Essa paisagem emaranhada, que por vezes confunde o equipamento esportivo como um fruto da Barreira do Vasco, é uma “maneira de ver” que faz dessa paisagem simbólica, constituída de uma “ideologia popular”, uma imagem capaz de fazer o Vasco discursar em torno da proximidade com o povo e com as minorias da cidade. A Barreira, por sua vez, enxerga no Vasco uma fortaleza que a protegeu num momento delicado, onde o ataque do judiciário mostrou como o preconceito com tais espaços permanecem vigentes em nossa sociedade.

Neste início de pesquisa é fundamental reconhecer que clube e favela são importantes um para o outro nos aspectos sociais e econômicos, com os dados evidenciando a força que tal relação consiste para os moradores e frequentadores, porém as subjetividades precisam ser aprofundadas para melhor discussão em torno dessas vivências e simbologias. As materialidades e imaterialidades presentes, fazem com que a favela seja vista como uma Barreira vascaína, enquanto o clube seja visto como o Vasco “da Barreira”. Como a torcida diz em uma das suas músicas, “Na Barreira eu vou festejar”, e é nesses festejos que essa relação, em meio aos tons pejorativos que persistem pelos séculos, faz a resistência ser colocada à prova.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rafael Gonçalves. **Favelas do Rio de Janeiro: a geografia histórica da invenção de um espaço**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, P. 510, 2016.

BEZERRA, Rafael Freitas. **São Januário e a produção social do espaço: uma análise a partir da paisagem cultural**. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Campos dos Goytacazes, P. 100, 2022. Disponível em: <<http://bd.centro.iff.edu.br/handle/123456789/3876>>. Acesso em: 09 nov. 2023.

BEZERRA, Rafael Freitas; MATTOS, Lucas Nascimento de. **Vasco da Gama: 125 anos de uma paisagem popular**. Ludopédio, São Paulo, v. 171, n. 25, 2023.

BEZERRA, Rafael Freitas; MESQUITA, Zandor Gomes. **A geografia como camisa dez: uma análise da produção do espaço a partir do estádio de São Januário**. Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia, Rio Claro. v. 21, n. 1. P. 100-121. 2023.

COSGROVE, Denis. **Social formation and symbolic landscape**. University of Wisconsin Press, P. 332, 1998a [1984].

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998b.

DA SILVEIRA, Leandro Almeida. **Ensaio de Geografia: a geografia do Rio de Janeiro**. Editora dos Autores, P. 102, 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora, P. 323. 2008 [1973].



GILBERT, David. Social Formation and symbolic landscape (1984): Denis Cosgrove. In: HUBBARD, Phil, KITICHIN, Rob and VALENTINE, Gil (Orgs.). **Key Texts in Human Geography**. Sage, P. 236, 2008.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: Eduerj. P. 256. 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. **São Januário, essa força estranha**. Ludopédio, São Paulo, v. 100, n. 20, 2017. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/arquibancada/sao-januario-essa-forca-estranha/>>. Acesso em: 09 nov. 2023.

MATOS, Marcelo C. **São Januário: um caldeirão no centro de um bairro**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Clube de Autores, 2019.

PINTO, Carlos. **Favela de hoje bairro de amanhã**. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, P. 16. 1956. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=154083_01&pesq=%22favela%20barreira%20do%20vasco%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=26952>. Acesso em: 10 nov. 2023.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Proibição dos jogos em São Januário: o impacto na geração de trabalho e renda**. Observatório do Trabalho Carioca. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em <<https://trabalho.prefeitura.rio/wp-content/uploads/sites/22/2023/08/Relato%CC%81rio-PROIBIC%CC%A7A%CC%83O-DOS-JOGOS-EM-SA%CC%83O-JANUA%CC%81RIO-O-impacto-na-gerac%CC%A7a%CC%83o-de-Trabalho-e-Renda.pdf>>. Acesso em: 05. out. 2023.

ROBAINA, Igor Martins Medeiros. Assistência social ou controle sócio-espacial: uma análise das espacialidades políticas da Fundação Leão XII sobre as favelas cariocas (1947-1962). **Espacialidades: Revista dos Discentes do Programa de Pós-Graduação em História e Espaços da UFRN**. V. 6, n. 5, p. 176–196, 2013.

ROSENDO, Roberto Cezar. **O Sistema de Inovação do Estado do Rio de Janeiro: Impactos da indústria petrolífera**. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.



SCHLAVINATO, Guilherme e PEIXOTO, Guilherme. **Em parecer contra São Januário**, juiz cita favela ao lado, ‘torcedores se embriagando’ e gera polêmica; sem jogos, comércio tem prejuízo. G1, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/08/17/em-parecer-contrasao-januario-juiz-cita-favela-ao-lado-e-torcedores-se-embriagando-sem-jogos-comercio-reclama-de-prejuizo.ghml>>. Acesso em: 05. out. 2023.

SCHMIDT, Felipe. **A colina que virou Barreira**: o Vasco e sua relação com a comunidade. Globo Esporte, 2017. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/a-colina-que-virou-barreira-o-vasco-e-sua-relacao-com-a-comunidade.ghml>>. Acesso em: 26 out. 2023.

Vasco protesta contra decisão da Justiça que manteve São Januário interdito: 'Condição inaceitável'. O Globo, 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/futebol/vasco/noticia/2023/08/05/em-nota-vasco-protesta-contradecisao-da-justica-que-manteve-sao-januario-interditado-condicao-inaceitavel-e-sui-generis.ghml>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

YACCOUB, Hilaine. **Lições da Favela**: As Economias de Compartilhamento de Bens e Serviços na Barreira do Vasco–RJ. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.